

# ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL: UMA IGREJA QUE CRESCER ENQUANTO SE FRAGMENTA<sup>1</sup>

Maxwell Pinheiro Fajardo<sup>2</sup>

## RESUMO

A Igreja Assembleia de Deus é o segundo maior grupo religioso do Brasil, perdendo em números apenas para a Igreja Católica. Com 12 milhões de membros, a Assembleia de Deus está muito a frente do segundo maior grupo pentecostal, a Congregação Cristã no Brasil, com 2 milhões de membros. No entanto, quando falamos de Assembleia de Deus não estamos falando de um grupo homogêneo. É possível encontrar nas médias e grandes cidades do país ADs de diferentes Ministérios: Belém, Madureira, Ipiranga, Vitória em Cristo, Perus, Taubaté, entre uma infinidade, muitas vezes vizinhos. Tais ministérios podem ou não estar ligados à Convenções Nacionais e também podem ter características litúrgicas distintas. Assim, não é possível compreender as Assembleias de Deus no Brasil sem destacar seu processo de fragmentação, que longe de ser uma contingência histórica recente, remonta à década de 1930. A fragmentação é um elemento constitutivo das ADs e apresentou-se em todo o processo de expansão da denominação por todas as partes do país. A Assembleia de Deus é uma igreja que cresce enquanto se fragmenta.

**Palavras-chave:** Assembleia de Deus; ministérios; pentecostalismo; industrialização; Brasil.

## ABSTRACT

The Assemblies of God church is the second greatest religious group in Brazil, losing in numbers only to the Catholic Church. With 12 million members, the Assemblies of God is far ahead the second greatest Pentecostal group, the Christian Congregation in Brazil, with 2 million members. However, when we speak of Assemblies of God we are not talking of a homogeneous group. It is possible to find in the medium-sized and major cities of the country Assemblies of God of different Ministries: Belém, Madureira, Ipiranga, Vitória em Cristo, Perus, Taubaté, among an infinity, many times even neighbors. Such ministries can or cannot be associated with the National Convention, and can also have different liturgical characteristics. Therefore, it is not possible to comprehend the Assemblies of God in Brazil without highlighting its fragmentary process, which, far from being a recent historical contingency, can be traced back to the 1930's. Fragmentation is a constitutive element of the Assemblies of God and was

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta algumas das reflexões de pesquisa de doutorado em desenvolvimento na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) com término previsto em Julho de 2015.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutorando em História pela UNESP.

present in all of the expansion process of the denomination throughout parts of the country. The Assemblies of God is a church that grows while it is fragmented.

**Key-words:** Assemblies of God; ministries; pentecostalism; industrialization; Brazil.

## INTRODUÇÃO

Estudar a Igreja Assembleia de Deus no Brasil (AD) é uma tarefa com desafios singulares. Diferente da maioria das outras igrejas pentecostais, como a Congregação Cristã do Brasil, por exemplo, cujos templos espalhados pelo país fazem parte de uma rede denominacional interligada a uma única direção nacional, as ADs estão pulverizadas em uma série de Ministérios com administrações independentes. Alguns com abrangência nacional, responsáveis por agrupar milhares de pastores em todo o país, outros restritos ao universo de uma cidade ou bairro. Além dos Ministérios há também as Convenções, entidades jurídicas que arregimentam pastores e obreiros. Há Ministérios locais cujos líderes são filiados a convenções nacionais, embora suas igrejas tenham autonomia administrativa. Assim, é possível encontrar na mesma cidade, mesmo bairro, e em alguns casos na mesma rua Assembleias de Deus de diferentes Ministérios: Belém, Madureira, Perus, Santos, Ipiranga, Santo Amaro, Bom Retiro, Vitória em Cristo, Manancial, Nova Aliança, Deus Forte, Nova Esperança, entre centenas de outros.

A multiplicidade de formas institucionais assumidas pela AD no Brasil garante não pouca confusão ao observador não acostumado ao complexo sistema de organização e interligação das diferentes vertentes da igreja em seus ministérios e convenções. Só para citar um exemplo, podemos falar da presença da AD na grade de programas evangélicos vinculados nacionalmente pela Rede TV! aos sábados pela manhã durante o ano de 2012. Em um espaço de aproximadamente cinco horas, havia seis programas televisivos ligados à AD, cada um deles vinculado a um diferente Ministério da denominação: Mensagem de Esperança, apresentado pelo Pr. Jabes de Alencar da Igreja Assembleia de Deus do Bom Retiro, Vitória em Cristo, do Pr. Silas Malafaia, presidente da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo; Movimento Pentecostal, patrocinado pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) e Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB); Voz da Assembleia de Deus, dirigido pelo Pr. Samuel Câmara da AD em Belém do Pará (a “igreja mãe” da

AD<sup>3</sup>); Família Debaixo da Graça, do Pr. Josué Gonçalves da Assembleia de Deus Projeto Família Debaixo da Graça e Palavra de Vida da Assembleia de Deus do Brás.<sup>4</sup> Mais do que a localização geográfica de tais igrejas, os nomes acrescentados após o nome “Assembleia de Deus” indicam um ministério distinto, com suas peculiaridades próprias.

A complexidade não se restringe aos fatores corporativo-institucionais. É possível encontrar Assembleias de Deus cujas práticas litúrgicas lembram igrejas pentecostais ligadas à teologia da prosperidade, como a Universal do Reino de Deus. Por outro lado, também é possível assistir cultos em igrejas onde tais práticas são severamente questionadas. Há ADs onde danças e palmas fazem parte de todo o momento do cântico comunitário, em outras, tais elementos não são permitidos em nenhuma hipótese. Existem ADs em que é proibido aos membros o uso de maquiagens, brincos e outros adereços, enquanto em outras tais costumes são incentivados. Em alguns casos o estudo da teologia é reprimido, enquanto em outros são organizados cursos que pleiteiam o reconhecimento do MEC.

Estudar a Assembleia de Deus no Brasil, ou melhor, as Assembleias de Deus, com toda a sua pluralidade, significa deparar-se com um sistema de práticas e representações sociais nascidas no entrelaçamento de elementos do protestantismo sueco e do pentecostalismo estadunidense, que se consolidam entre brasileiros oriundos principalmente do catolicismo popular. Assim, se desenvolvem com maior intensidade nos espaços urbanos marcados pela secularização, onde a igreja se fragmenta.

A partir desta variedade de formas institucionais e comportamentais, pretendemos neste texto traçar um panorama histórico das raízes de suas divisões internas. Tal panorama nos permitirá colher subsídios para uma análise mais detalhada das razões de seu crescimento durante o processo de urbanização e industrialização das grandes metrópoles brasileiras no decorrer do século XX. Pretende-se captar os indícios de uma cultura religiosa que liga os diferentes ramos da Assembleia de Deus e que torna seu estudo um campo de pesquisas no mínimo intrigante.

---

<sup>3</sup> A expressão explica-se pelo fato de a AD de Belém do Pará ser a igreja mais antiga do país, fundada em 1911.

<sup>4</sup> Dos programas listados apenas o Vitória em Cristo e o Família debaixo da Graça não se apresentam como programas oficiais de suas respectivas igrejas ou convenções, embora seus apresentadores se identifiquem como pastores-presidentes de tais igrejas. Especificamente sobre a Igreja liderada por Malafaia falaremos mais no decorrer do texto.

## 1 UM PANORAMA DO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA AD

Foi a partir da década de 1940 que as ADs transformaram-se na maior igreja pentecostal do país, ultrapassando a Congregação Cristã do Brasil, sua irmã dez meses mais velha.<sup>5</sup> Neste período o ritmo de crescimento da AD intensificou-se principalmente nas regiões metropolitanas do país, que passaram a receber migrantes oriundos principalmente do nordeste do Brasil. O auge das migrações internas no Brasil (entre as décadas de 1940 e 1980) também se configurou como o período de maior crescimento das ADs. No entanto, o boom das décadas de 1940-50 não representou apenas o aumento na musculatura numérica da igreja, mas também foi responsável pela adaptação da AD ao ritmo de vida das metrópoles em processo de industrialização, regiões onde a igreja começava a se desenvolver com maior rapidez. O período marcou a adaptação do ethos sueco-nordestino da AD, para usar a consagrada expressão de Freston<sup>6</sup>, para a realidade urbana-industrial, onde a igreja desenvolveria novas práticas culturais, que influenciariam os rumos da denominação a partir de então.

Podemos considerar o período anterior, compreendido entre os anos de 1911 e 1946, como a fase de consolidação das ADs.<sup>7</sup> Nesta primeira fase a igreja desenvolveu sua estrutura institucional: criou um jornal de circulação nacional, o Mensageiro da Paz, em que fez questão de destacar suas diferenças em relação aos outros ramos do protestantismo<sup>8</sup>; fundou uma convenção, a CGADB; organizou uma editora, a CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus); editou um hinário próprio, a Harpa Cristã<sup>9</sup>; criou um instrumento de formatação doutrinária, as Lições Bíblicas<sup>10</sup>; estabeleceu metas para implantação nos estados do país onde ainda não aparecia com destaque;<sup>11</sup> e transferiu o centro de poder para o Rio de Janeiro, então capital do país.<sup>12</sup>

---

<sup>5</sup> READ, William R. Fermento religioso nas massas do Brasil. Campinas: Livraria Cristã Unida, 1967.

<sup>6</sup> FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

<sup>7</sup> ALENCAR, Gedeon. Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

<sup>8</sup> Desde 1917, no antigo Jornal Boa Semente, os artigos doutrinários publicados faziam questão de destacar a diferença da AD em relação às igrejas protestantes históricas.

<sup>9</sup> A primeira edição da Harpa Cristã, hinário oficial da Igreja, com a adaptação/tradução de canções suecas e estadunidenses, além de composições próprias foi publicada em 1922.

<sup>10</sup> As Lições Bíblicas são o material didático produzido pela CPAD para as Escolas Bíblicas Dominicais (EBD's) das igrejas em todo o país. Até hoje são publicadas trimestralmente.

<sup>11</sup> Na Convenção de 1930 decidiu-se que os missionários suecos deveriam evangelizar nas regiões sul e sudeste do país. Apesar de ser uma decisão política, que deixaria o nordeste "livre" para a liderança dos pastores brasileiros, a decisão não deixou de ser uma estratégia para a expansão da igreja nas outras partes do território nacional.

Neste período destacava-se inicialmente como liderança nacional o fundador Gunnar Vingren, bem como sua esposa Frida, que rapidamente perderam espaço para os demais suecos, em especial Samuel Nyström.

No período anterior a 1930, os primeiros missionários suecos, oriundos de um país protestante em que eram marginalizados, não se entusiasmavam com a ideia da institucionalização da igreja. Na Suécia, a Instituição religiosa, com seus seminários e rígida hierarquia representava a frieza espiritual que massacrava o movimento do Espírito presente no pentecostalismo, assim, “*os pentecostais suecos, em vez da ousadia de conquistadores, tinham uma postura de sofrimento, martírio e marginalização cultural*”.<sup>13</sup>

Os líderes suecos, influenciados por sua experiência com o sistema centralizado de uma igreja hegemônica e estatal na Suécia que perseguia a minoria batista, se recusavam a criar no Brasil um igreja orientada pelos mesmos padrões. Preferiam um sistema em que cada congregação individualmente ficasse responsável por sua própria gestão e que seus líderes se reunissem periodicamente para discutir problemas comuns, embora sem a preponderância de uma igreja sobre outra. Além disso, os pastores brasileiros pleiteavam maior autonomia em relação aos suecos.<sup>14</sup>

Em 1929 um grupo de dez pastores brasileiros do Norte e do Nordeste do país se reuniu na cidade de Natal para discutir seu posicionamento em relação à expansão da igreja. Nesta reunião o grupo decidiu convocar para o próximo ano uma convenção geral com a participação de obreiros de todo o país, fossem brasileiros ou suecos. Nesta convenção os pastores apresentariam suas demandas por mais autonomia frente aos suecos.

Assim, entre os dias 5 e 10 de setembro de 1930 aconteceu em Natal/RN a primeira reunião da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB)<sup>15</sup>, presidida na ocasião pelo pastor paraibano Cícero Canuto de Lima. Os quatro pontos propostos para a pauta da reunião foram: “1) *O relatório do trabalho realizado pelos*

---

<sup>12</sup> A Igreja no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, além de ser dirigida pelos líderes mais influentes da denominação, também abrigava em suas dependências a redação do Jornal Mensageiro da Paz. Embora não fosse a sede nacional da Igreja (aliás, em consequência do sistema descentralizado de liderança, nunca houve uma igreja que pudesse ser considerada a “sede nacional” da AD), era a igreja que exercia maior influência sobre as demais.

<sup>13</sup> FRESTON, 1994, p.78

<sup>14</sup> DANIEL, Silas. História da convenção geral das Assembléias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 2004. p. 22-23

<sup>15</sup> A CGADB ganhou personalidade jurídica em 1946. Atualmente reúne-se ordinariamente a cada dois anos em uma cidade diferente do país. Até Agosto de 2013 a entidade já havia realizado 46 assembleias gerais, sendo 41 ordinárias e 5 extraordinárias ([www.cgadb.com.br](http://www.cgadb.com.br))

missionários; 2) A nova direção do trabalho pentecostal do Norte e Nordeste; 3) A circulação dos Jornais Boa Semente e O Som Alegre; 4) O trabalho feminino na igreja”<sup>16</sup>.

Receoso sobre os possíveis desdobramentos do encontro, Gunnar Vingren viajou para a Suécia para convencer o Pr. Lewi Petrus a participar. Petrus era o pastor titular da Igreja Filadélfia de Estocolmo<sup>17</sup>, que desde 1917 enviava missionários ao Brasil. Embora não fosse o líder da AD, ele era o líder dos missionários suecos. Assim, na ótica de Vingren, sua presença poderia conter uma possível cisão<sup>18</sup>. Na convenção, Petrus defendeu que todas as igrejas das regiões Norte e Nordeste do Brasil deveriam ser entregues aos obreiros brasileiros, o que estava de acordo com a proposta dos suecos de estabelecer no Brasil um sistema de igrejas livres, sem uma direção nacional. Os missionários deveriam concentrar seus esforços nas regiões mais ao sul do Brasil, onde a Igreja estava começando a se desenvolver.

Além desta questão, decidiu-se pela fusão dos jornais Boa Semente (produzido em Belém por Samuel Nyström) e Som Alegre (feito no Rio de Janeiro pelo casal Vingren), em único periódico, o Mensageiro da Paz, que seria editado no Rio de Janeiro, por Samuel Nyström e Frida Vingren. Ou seja, enquanto por um lado se buscou a autonomia das igrejas, por outro se optou pela centralização dos órgãos de comunicação.

Assim, em 1930, com a criação da CGADB a Igreja entra em uma nova fase. No entanto, apesar do desejo das lideranças nordestinas de aumentarem sua influência, o poder continuou a gravitar em torno dos suecos, até pelo menos a década de 1950, em especial na figura de Samuel Nyström. Após a criação da Convenção, o centro de poder desceu do Norte/Nordeste para o Sudeste. A partir da década de 1930, o Rio de Janeiro passa a ser o centro das decisões da liderança e a pioneira igreja do bairro de São Cristóvão, na época pastoreada por Vingren<sup>19</sup>, ganha destaque e preponderância sobre as demais, haja vista ser o local em que se produzia o jornal oficial da denominação.

---

<sup>16</sup> DANIEL, 2004, p. 27

<sup>17</sup> Petrus era pastor da Sétima Igreja Batista de Estocolmo desde 1911. Em 1913 sua Igreja foi excluída da Convenção Batista Sueca, transformando-se na Igreja Pentecostal Filadélfia. Posteriormente Petrus se tornaria um dos mais conhecidos líderes pentecostais da Suécia, inaugurando um enorme templo em Estocolmo em 1930 (PETHRUS, 2004). Graças à proximidade de Petrus com o fundador Daniel Berg, a Igreja Filadélfia enviava missionários ao Brasil desde 1917, mesmo ano em que Gunnar Vingren e Daniel Berg foram inscritos no rol de missionários da Igreja.

<sup>18</sup> PETHRUS, Lewi. Lewi Petrus: biografia. Rio de Janeiro, CPAD, 2004. p. 221-222

<sup>19</sup> A AD de São Cristóvão foi pastoreada por suecos até 1958. VASCONCELOS; LIMA, 2003.

Diversos presidentes da CGADB também exerceram a direção desta igreja<sup>20</sup>, na então capital do Brasil.

Um personagem de destaque na AD que posteriormente ficaria nacionalmente conhecido serve para exemplificar a trajetória da igreja até aquele momento: trata-se do pastor Cícero Canuto de Lima<sup>21</sup>, a quem já nos referimos há pouco. Canuto nasceu em 1893 em Mossoró/RN, mas converteu-se no mesmo estado em que a AD nasceu: o Pará. Ele conheceu o pentecostalismo no interior do estado em 1918, tornando-se algum tempo depois líder de sua igreja local, na pequena cidade de Timboteua<sup>22</sup>. Desta forma, Canuto foi um dos remanescentes da primeira versão da AD, aquela que se desenvolveu entre os seringueiros migrantes no interior do Pará.

Destes núcleos no interior do Pará surgiram os primeiros pastores autóctones da denominação, muitas vezes escolhidos por serem os únicos alfabetizados do núcleo ou por já terem alguma experiência eclesial anterior<sup>23</sup>. Canuto foi consagrado a pastor pelo próprio Gunnar Vingren em 1923 em Belém do Pará. Em 1924 foi enviado para o Nordeste para dirigir a igreja na cidade da Parahyba (atual João Pessoa). Ali exerceu o pastorado durante quinze anos. No Nordeste Canuto esteve diretamente envolvido no processo de fortalecimento dos pastores brasileiros frente à administração sueca, presidindo a Convenção de 1930.

Em 1937 Canuto planejou transferir-se para São Paulo para assumir a direção da Igreja na capital, conforme declarou: “Senti que tinha chamada para cá [São Paulo] em 1937. [Porém, na época] Puseram muitos obstáculos aqui para que eu não entrasse.[...]”<sup>24</sup> Ou seja, já na década de 1930, Canuto, que era uma das principais lideranças na Igreja no Nordeste cria interesse em trabalhar na metrópole, possivelmente antevendo o destaque que a Igreja em São Paulo poderia representar para a denominação no futuro. Não é possível dizer a quais obstáculos o pastor se referia, já que poderiam ser tanto os suecos que dirigiam a Igreja em São Paulo na época, ou

---

<sup>20</sup> Por treze vezes o presidente da CGADB também era pastor da AD de São Cristóvão. Atualmente a Igreja não está mais vinculada à Convenção. DANIEL, 2004.

<sup>21</sup> Apesar da grande influência que exerceu na AD, Cícero Canuto não tem nenhuma biografia produzida, diferente de Paulo Macalão, que teve duas biografias publicadas. ALMEIDA, 1983 e MACALÃO, 1986.

<sup>22</sup> ARAÚJO, Israel. José Wellington: biografia. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

<sup>23</sup> Foi o caso de Isidoro Filho, o primeiro brasileiro a ser consagrado pastor na AD. Escolhido para liderar o grupo de crentes em Soure/PA em 1913, Isidoro era o único alfabetizado do grupo. Já Absalão Piano, o segundo pastor autóctone, responsável pelo núcleo de Tajapurú/PA já havia sido membro da Igreja Presbiteriana Independente. ARAÚJO, 2007.

<sup>24</sup> Entrevista ao Jornal Mensageiro da Paz: Ano 44 nº6, jun.1974.

mesmo a atuação de Paulo Leivas Macalão na cidade, à qual faremos referência mais a frente.

Sem sucesso em sua tentativa de instalar-se em São Paulo, Canuto foi convidado pelo próprio Samuel Nyström para auxiliá-lo na Igreja em São Cristóvão. Assim, Canuto tornou-se co-pastor de Nyström no período compreendido entre 1939 e 1946 no Rio de Janeiro. O fato de uma liderança de destaque no Nordeste, com quinze anos de pastorado na mesma igreja, com força suficiente para articular um grupo de pastores contra os suecos e criar um órgão institucional de nível nacional, ter sido designado para vir ao Sudeste, não para dirigir uma igreja, mas para ser auxiliar do principal líder sueco, parece um indício de que os problemas entre os pastores nacionais e os suecos não foram totalmente resolvidos na criação da CGADB em 1930, sem contar a afirmação do próprio Pr. Cícero: “No Rio de Janeiro sofri muito. Tudo muito difícil e diferente. Mas, a Igreja não era diferente. Fiquei trabalhando com um sofrimento muito grande, *mas Deus me abençoou*”.<sup>25</sup>

Cícero Canuto deixou o Rio de Janeiro em 1946 quando Samuel Nyström voltou para a Suécia deixando em seu lugar outro sueco, Otto Nelson. Assim, em 1946 Canuto finalmente tornou-se pastor da AD em São Paulo.<sup>26</sup>

Desta forma, Cícero Canuto é um personagem cuja trajetória resume as principais fases da AD entre as décadas de 1920 e 1980: acompanhou o início no interior do Pará, o fortalecimento das lideranças nacionais no Nordeste, a influência sueca que ainda persistia no RJ mesmo após a criação da CGADB, e por fim o processo de ministerialização da denominação com o consequente fortalecimento da figura dos pastores-presidentes e seus respectivos Ministérios, do qual Canuto foi um dos principais expoentes.

## **2 MINISTERIALIZAÇÃO DA AD E O FORTALECIMENTO DAS LIDERANÇAS REGIONAIS**

A CGADB, apesar de nominalmente representar a Assembleia de Deus no país, na realidade é uma entidade que representa apenas sua liderança. Apenas pastores e

---

<sup>25</sup> Entrevista ao Jornal Mensageiro da Paz: Ano 44 n°6, jun.1974.

<sup>26</sup> Antes de assumir a Igreja do Belenzinho em São Paulo, Canuto pastoreou por dois meses a AD de Santos, litoral de São Paulo. ARAÚJO, 2007.

evangelistas<sup>27</sup> podem se filiar a ela. Assim, a Convenção não conta com um cadastro de números de membros das igrejas e nem mesmo exerce controle sobre a administração dos templos, sendo assim um órgão de sua classe dirigente.<sup>28</sup>

Neste sentido a CGADB preserva o desejo original dos suecos de organizar um sistema de igrejas livres. No entanto, no interior de tais igrejas livres consolidou-se um sistema de governo episcopal, capitaneado na figura do “pastor-presidente de campo”. Para entender este processo é indispensável reportar-se à figura do pastor Paulo Leivas Macalão, um dos precursores do sistema de ministerialização da AD.

Paulo Leivas Macalão nasceu em Santana do Livramento, Rio Grande do Sul em 1903, no entanto converteu-se no Rio de Janeiro em 1924, no bairro de São Cristóvão. Na época a Igreja de São Cristóvão era um núcleo familiar de recém-convertidos, que contava com a presença de pelo menos dois migrantes paraenses, José Vicente e Heráclito de Menezes. Este grupo costumava assistir aos cultos da Igreja de Deus, também conhecida como Igreja do Orfanato, no mesmo bairro. Em 1920, Gunnar Vingren visitou a Igreja do Orfanato e nela pregou, ocasião em que “*muitos haviam aceitado a doutrina pentecostal*”.<sup>29</sup>No entanto, em sua segunda passagem pela cidade, em 1923, Vingren tentou contato com o líder da Igreja, mas não foi atendido. Assim, realizou alguns cultos na casa de uma família liderada por Eduardo Brito, e em seguida retornou à Belém. Nesta época mesma época Macalão converteu-se.<sup>30</sup>

Em 1924 o grupo reunido na casa da família Brito decidiu desvincular-se da Igreja de Deus e criar uma AD na cidade. Assim, o grupo enviou uma carta para a igreja de Belém do Pará, solicitando que um obreiro fosse enviado para o Rio de Janeiro para tomar conta da nova congregação. Assim, ainda em 1924, chegou de mudança à cidade o próprio missionário Gunnar Vingren e sua família com o objetivo de estruturarem a AD na então capital do país.

Com o crescimento do grupo no bairro de São Cristóvão, Paulo Macalão destacou-se se tornando secretário da Igreja e organizando inclusive uma banda musical.<sup>31</sup> No entanto, em 1926 Macalão decidiu desenvolver um trabalho de evangelização independente nas áreas periféricas da cidade, embora não tenha se

---

<sup>27</sup> Evangelista é o cargo que hierarquicamente está logo abaixo ao de pastor.

<sup>28</sup> CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. A operação do carisma e o exercício do poder. A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil, Tese de Doutorado em Ciências da Religião, PUC-SP, 2012.

<sup>29</sup> ARAÚJO, Isael. Dicionário do movimento pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p.140

<sup>30</sup> CABRAL, David. Assembleias de Deus: a outra face da história. Rio de Janeiro: Betel, 2002.

<sup>31</sup> ARAÚJO, 2007.

desligado da igreja em São Cristóvão.<sup>32</sup> Suas divergências, porém, não o impediram de ser consagrado a pastor pelo próprio Gunnar Vingren e por Lewi Petrus em 1930, mesmo ano de fundação da CGADB. Os biógrafos de Macalão dão destaque aos atritos que teve com “alguns” irmãos da Igreja de São Cristóvão, embora não especifiquem os nomes<sup>33</sup>. Alencar vê no nacionalismo de Macalão uma das pistas para a compreensão de seus atritos com os suecos, o que pode nos ajudar a entender a tendência do pastor em se isolar e “alçar um voo solo”:

Macalão vem de uma família rica, de tradição militar, portanto nacionalista. O governo do Getúlio (seu conterrâneo gaúcho) e o tenentismo é um substrato conceitual importante na sua formação. Ele não aceitou se submeter à liderança de um jovem sueco – ou mais grave – e/ou de uma mulher? Em 1932, quando Vingren vai embora, Nyström assume em seu lugar. Por que não Macalão que já era um pastor com ministério consolidado na cidade? <sup>34</sup>

Com a indisposição sofrida em São Cristóvão, Macalão conseguiu captar a possibilidade de crescimento da igreja nas áreas periféricas do Rio de Janeiro, assim, enquanto criava núcleos da AD nas casas de pessoas que se convertiam em Realengo, Campo Grande, Santa Cruz e Marechal Hermes, inaugurou em 1933 um templo da AD em Bangú. No entanto, foi no bairro de Madureira, onde organizou uma igreja no ano de 1929 que Macalão conseguiu deixar sua maior marca. A Igreja estabelecida ali passou a ser o centro das atividades de Macalão. Desta forma, a cidade passou a contar com dois grupos de ADs, aquelas ligadas à Igreja de São Cristóvão, lideradas pelos suecos e aquelas ligadas à igreja de Madureira, que com o tempo passaram a ser denominadas respectivamente de Igrejas da Missão (já que eram lideradas pelos missionários suecos) e Igrejas de Madureira, embora os líderes de ambos os grupos pertencessem à CGADB.<sup>35</sup>

Cria-se aqui o conceito de “Ministério”, sem o qual não é possível entender a configuração atual da AD. O Ministério, no sentido corporativo-institucional, diz respeito aos grupos de igrejas liderados por um mesmo pastor-presidente e que têm autonomia administrativa em relação aos demais Ministérios e que pode manter ou não um vínculo com uma convenção de abrangência nacional, como a CGADB.

Com o tempo, o Ministério liderado por Macalão ultrapassou os limites geográficos da Guanabara e do Rio de Janeiro. Em 1938, por exemplo, Macalão alugou

---

<sup>32</sup> ALENCAR, 2012.

<sup>33</sup> ALMEIDA, Abraão de (Org). Paulo Macalão: a chamada que Deus confirmou. Rio de Janeiro: CPAD, 1983. p. 32.

<sup>34</sup> ALENCAR, 2012, p.142.

<sup>35</sup> O próprio Macalão chegou a presidir a CGADB em 1937.

um pequeno salão no bairro do Brás, em São Paulo, onde estabeleceu seu Ministério na metrópole paulista. Segundo os relatos oficiais da Igreja, esta empreitada se justificou a partir de uma revelação divina por intermédio de um sonho, elemento fundamental no imaginário assembleiano:

O Ministério do Brás<sup>36</sup>, na verdade, foi gestado em outro estado, quando um pastor da Igreja Assembleia de Deus do Rio de Janeiro teve uma revelação de Deus. Em visão ele viu um salão com uma placa de aluguel. O nome desse pastor era Paulo Leivas Macalão. Pastor Paulo não perdeu tempo. Acompanhado da esposa, Zélia, e do cunhado Sylvio Brito, viajou a São Paulo a fim de receber mais provas da vontade de Deus. Andando pelas ruas do antigo Centro da Capital paulista, passou em frente ao número 605 da Rua da Glória onde reconheceu o salão e viu a placa de aluguel.<sup>37</sup>

No entanto, a AD chegara a São Paulo onze anos antes. Em 1927, Daniel Berg começou a realizar cultos em Vilão Carrão e posteriormente no bairro do Belém, outro bairro da zona leste de São Paulo. Nesta igreja fora realizada a reunião ordinária da CGADB no ano de 1937, que na ocasião foi presidida pelo próprio Macalão. Assim, a dualidade entre as Igrejas de Madureira e da Missão chegaria também a São Paulo.<sup>38</sup> Posteriormente novas igrejas do Ministério de Madureira foram sendo criadas em diferentes cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, não tardando a chegar também em outros estados.<sup>39</sup>

Além do Ministério de Madureira, outros Ministérios surgiram. Hoje existem centenas em todo país, muitos deles com redes de igrejas espalhadas por diferentes estados, outros com número reduzido de congregações. Cada um destes Ministérios, apesar de preservar uma identidade geral criada pela nomenclatura “Assembleia de Deus” apresenta suas próprias características, e um campo propício para a criação de suas próprias representações sociais. Assim, é comum que quando dois assembleianos se conhecem e conversam pela primeira vez a primeira pergunta que façam um a outro seja: “de qual Ministério você é?” Identificar-se como membro de determinado Ministério significa estar ligado a uma série de práticas litúrgicas e comportamentais

---

<sup>36</sup> Ministério do Brás é a forma como o Ministério de Madureira por vezes é chamado no Estado de São Paulo, já que sua sede estadual está no bairro do Brás, na capital.

<sup>37</sup> Relato de João Cruzué. Disponível em: <[www.olharcristao.blogspot.com.br](http://www.olharcristao.blogspot.com.br)> Acesso em: 23 jul. 2013.

<sup>38</sup> Sylvio Brito, cunhado de Macalão, era pastor da Missão em São Paulo, no entanto, deixou a liderança da igreja para pastorear a Igreja de Madureira no Brás, possivelmente levando membros da antiga igreja com ele. Disponível em: <[www.mariosergiohistoria.blogspot.com.br](http://www.mariosergiohistoria.blogspot.com.br)> Acesso em: jul. 2013. ARAÚJO, 2007.

<sup>39</sup> CABRAL, 2002.

mais ou menos conservadoras, o que pode ditar o rumo da conversa, já que em várias cidades, muitos Ministérios veem-se como concorrentes.<sup>40</sup>

Desta forma, a partir de Macalão começa a ficar evidente na AD um sistema de governo com “igrejas livres” em que não há uma liderança a nível nacional, mas diversos presidentes de Ministérios independentes, que governam suas redes de igrejas em um sistema de governo episcopal. É um sistema de igrejas livres mesclado a um episcopalismo que dá destaque à figura do pastor-presidente.<sup>41</sup>

Os grandes ministérios da AD normalmente obedecem a uma estrutura onde a Igreja-sede ocupa lugar de destaque, tanto no aspecto administrativo como no simbólico. O templo sede normalmente é a igreja mais antiga do Ministério, a qual os obreiros responsáveis pelas demais congregações devem prestar contas. Além da importância histórica, o templo sede é o centro administrativo do Ministério, de onde o pastor-presidente comanda as demais igrejas e aonde são realizadas as periódicas reuniões gerais de obreiros. No templo-sede também acontecem os eventos que mobilizam todo o Ministério como os Congressos de jovens, adolescentes e senhoras.

Como símbolos do poder do Ministério, os templos-sedes se destacam pela arquitetura que contrasta com as pequenas congregações a ele ligadas. No caso de Madureira, por exemplo, o templo-sede construído por Paulo Leivas Macalão na década de 1950 hoje é tombado pelo patrimônio histórico do Rio de Janeiro, dado o valor arquitetônico de seus coloridos vitrais em estilo gótico.<sup>42</sup> Diversos templos-sedes desta época destacam-se também pelos grandes relógios de suas torres, similares aos sinos das igrejas católicas, marcando a presença de tais construções no espaço público de uma maneira mais evidente.

Os templos-sedes estão no topo de uma pirâmide cuja base são as congregações e os chamados “pontos de pregação” (também chamados de subcongregações), pequenos salões ou casas de membros em que são realizados cultos durante o meio de semana, mas que ainda não se transformaram efetivamente em congregações. Em muitos casos as congregações estão ligadas ao que pode ser chamado de “campo eclesial” ou “setor”, que se configuram em um grupo de igrejas de um mesmo

---

<sup>40</sup> Como exemplo cito o caso de um pastor assembleiano que era responsável por uma igreja no interior do Mato Grosso. Em conversa informal, o pastor me contou que na cidade os membros das igrejas ligadas ao Ministério do Belém não cumprimentavam os membros dos Ministérios de Perus e Madureira, e vice-versa, já que os consideravam “menos crentes”. Na ocasião, o pastor me falou das dificuldades que encontrou para tentar mudar tal situação.

<sup>41</sup> CORREA, 2012.

<sup>42</sup> CABRAL, 2002.

Ministério numa mesma cidade ou bairro. As igrejas sedes setoriais respondem à igreja sede do Ministério. Assim, o membro de uma congregação tem como líder o seu dirigente local, que por sua vez responde ao pastor setorial, que por sua vez responde ao pastor-presidente do Ministério.

Nas grandes metrópoles, as congregações e pontos de pregação, que se constituem na base desta pirâmide, normalmente estão localizadas nas periferias urbanas definidas por Torres<sup>43</sup> como regiões de “fronteiras urbanas”, caracterizadas por uma altíssima taxa de crescimento demográfico aliado à precariedade no acesso aos serviços públicos.<sup>44</sup> Nestas áreas, as pequenas congregações multiplicam-se com maior rapidez e os templos, quando construídos, normalmente são erguidos pelo sistema de mutirão, processo que caracterizou a AD como um todo em suas primeiras décadas.<sup>45</sup>

Nos grandes centros urbanos o pentecostalismo apresentado pelas ADs sempre teve um crescimento mais acentuado nas regiões de periferia<sup>46</sup>, o que pode ser constatado pela localização dos templos-sedes dos Ministérios na cidade. Em São Paulo, a maioria deles está em bairros associados a um passado de origem operária como é o caso do Brás, Belenzinho, Ipiranga e Perus. No caso do Rio de Janeiro basta lembrarmos das igrejas fundadas por Macalão na periferia. No entanto, apesar de alguns destes bairros no passado configurarem-se como as regiões mais pobres da cidade, hoje apresentam um perfil socioeconômico diferenciado, com a agregação da rede de transportes, de equipamentos públicos e valorização imobiliária. Com isso, tais bairros se consolidaram não apresentando mais um significativo crescimento demográfico e se distanciando da realidade das chamadas “fronteiras urbanas”.<sup>47</sup> Assim, com as igrejas sedes nas áreas consolidadas da cidade e grande parte das congregações nas fronteiras urbanas é possível reconhecer a diferenciação socioeconômica dos membros de ambas as igrejas, o que interfere nas práticas e representações sociais de ambos os grupos.

---

<sup>43</sup> TORRES, Haroldo. Medindo a segregação. In: MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo (Orgs.). São Paulo: segregação pobreza e desigualdades sociais. São Paulo: SENAC, 2005.

<sup>44</sup> BARRERA RIVERA, Dario Paulo. Evangélicos e periferia urbana em São Paulo e Rio de Janeiro: estudos de sociologia e antropologia urbanas. Curitiba: CRV, 2012.

<sup>45</sup> MAFRA, Clara. Casa dos homens, casa de Deus In: Revista Análise Social, vol. XLII (182): 2007, p.150

<sup>46</sup> JACOB, Cesar Romero et al. Religião e sociedade em capitais brasileiras. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola; Brasília: CNBB, 2006.

<sup>47</sup> TORRES, 2005.

### 3 A “GEOPOLÍTICA” ASSEMBLEIANA E AS CISÕES MINISTERIAIS

Com a multiplicação dos Ministérios e o desejo de seus respectivos pastores-presidentes em ampliar suas redes de igrejas, um dos temas que passam a aparecer em quase todas as reuniões da CGADB a partir da década de 1960 é a problemática das “invasões de campo”. Ou seja, quando uma igreja de determinado Ministério instalava-se em localidade onde outro Ministério já estava presente, o que poderia criar atrito entre as respectivas lideranças locais, já que os diferentes Ministérios não seguem uma lógica de delimitação territorial. Em São Paulo, por exemplo, a rivalidade era entre as Igrejas do Ministério do Belém e Madureira, enquanto no Rio de Janeiro, Madureira e São Cristóvão<sup>48</sup> eram vistos como rivais<sup>49</sup>. No Ceará a dualidade acontecia entre os ministérios do Templo Central e Bela Vista.

Com o tempo, foi necessário estabelecer acordos entre os diferentes ministérios para que intrigas maiores fossem evitadas. A narrativa de Tércio (1997) sobre o estabelecimento da AD em Brasília no tempo da construção da capital federal destaca o tom de tais acordos “geopolíticos” de expansão:

No acampamento da construtora Castor, na Granja do torto, os trabalhadores crentes continuavam fazendo cultos num barraco erguido por eles. Discutiam a necessidade de fundar mais um templo da Assembléia de Deus. Havia, porém, uma barreira: acordo recém-firmado entre Madureira e outros ministérios assembleianos estabelecera limites territoriais - onde existisse igreja de Madureira não haveria outro ministério, e vice-versa. No escritório da igreja de São Cristóvão, Rio, o pastor-presidente, Alcebíades Vasconcelos, seu vice, Túlio Barros Ferreira, e Paulo Macalão tinham se reunido, com um mapa do Brasil sobre a mesa, delimitando suas respectivas áreas de atuação.<sup>50</sup>

Na convenção de 1989 as rivalidades atingiram seu clímax em função de uma discussão envolvendo um dos campos eclesiais<sup>51</sup> do Ministério de Madureira, o

---

<sup>48</sup> Diferente do Ministério de Madureira, em que Macalão criou uma Convenção interna em 1958 com o objetivo de evitar cisões dentro de seu Ministério (a CNMEADMIF – Convenção Nacional de Ministros Evangélicos da Assembleia de Deus de Madureira e Igrejas Filiadas), o Ministério de São Cristóvão deu autonomia ministerial a alguns de seus campos também em 1958, sob o pastorado de Alcebíades Pereira Vasconcelos. D’AVILA, 2006. VASCONCELOS; LIMA, 2003.

<sup>49</sup> No blog Memórias das Assembleias de Deus, que promove discussões sobre a história da instituição e que é coordenado pelo historiador Mário Sérgio Santana, é possível encontrar comentários de diversos leitores, tanto cariocas quanto paulistas sobre o clima de rivalidade entre os Ministérios nas décadas 70, 80 e 90. Disponível em: <[www.mariosergiohistoria.blogspot.com.br](http://www.mariosergiohistoria.blogspot.com.br)> Acesso em: 15 ju. 2013.

<sup>50</sup> TERCIO, Jason. Os escolhidos: a saga dos evangélicos na construção de Brasília. Coronário: Brasília/DF, 1997. p.167

<sup>51</sup> “Campo” ou “setor de trabalho” é a forma como normalmente são denominadas as subdivisões administrativas de um Ministério. No caso, o Campo de Perus era um dos ramos do Ministério de Madureira. No entanto, neste caso, sua expansão também não obedece critérios territoriais geográficos.

campo de Perus<sup>52</sup>, presidido pelo Pr. Benjamin Felipe Rodrigues. O debate começou a partir da abertura de uma congregação por parte do Campo de Perus na cidade de Cuiabá, região onde já estava sendo construído um dos maiores templos da AD no país, ligada à Missão.<sup>53</sup> A abertura da igreja em Cuiabá veio como uma gota d'água nas já tumultuadas relações do Ministério de Madureira com a CGADB, motivando a convocação da 1ª Assembléia Geral Extraordinária da Entidade, presidida pelo Pr. José Wellington Bezerra da Costa, pastor do ministério do Belém/SP. Nesta AGE, realizada em Salvador/BA, decidiu-se pelo desligamento dos ministros vinculados à Madureira, já que seu Ministério havia demonstrado solidariedade ao Pr. Benjamim, que havia sido desligado da CGADB, além de decidirem *“ignorar quaisquer decisões que foram ou venham a ser tomadas pela atual mesa diretora da CGADB sobre as pendências que envolveram ou que envolvem o Ministério de Madureira”*.<sup>54</sup>

Assim, em 1989 a AD Madureira emancipou-se por completo da CGADB e criou a CONAMAD (Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil - Ministério de Madureira), presidida atualmente pelo pastor (hoje bispo) Manoel Ferreira<sup>55</sup>, que havia presidido a CGADB no Biênio 1983-1985.

As cisões na AD não se resumiram ao caso de Madureira. Outros ministérios tomaram também um caminho independente. O próprio campo de Perus hoje é um Ministério independente com convenção própria, já que se desligou de Madureira em 2006. Outro exemplo no estado de São Paulo é o Ministério de Santos. O tradicional Ministério de São Cristóvão/RJ, além de não fazer mais parte da CGADB, desde 2006 tornou-se Assembleia de Deus Missão Apostólica da Fé, adotando liturgia e práticas doutrinárias muito semelhantes às chamadas igrejas neopentecostais, a começar pela nova titulação dada a seu líder, o apóstolo Jessé Maurício Ferreira<sup>56</sup>. No ano 2000, em consequência também de novas posições doutrinárias, a AD de Manaus sofreu uma

---

<sup>52</sup> Perus é um bairro da região noroeste de São Paulo, onde a AD está presente desde 1947. Cf. FAJARDO, 2011.

<sup>53</sup> O grande templo de Cuiabá, cujo formato lembra um estádio foi inaugurado em 1996. Comporta 22 mil pessoas sentadas segundo. ARAÚJO, 2007.

<sup>54</sup> DANIEL, 2004, p. 527.

<sup>55</sup> Macalão faleceu em 1982, não acompanhando processo de cisão de seu Ministério da CGADB.

<sup>56</sup> A AD de São Cristóvão desligou-se da CGADB em 2002, quando seu líder, o Pr. Tulio de Barros Ferreira (que foi presidente da CGADB por quatro mandatos, o último deles no biênio 1979-1981) fundou a Convenção Nacional dos Ministros Pentecostais (CONAMEP). ARAÚJO, 2007. Em 2006, a Igreja mudou de nome e seu líder passou a utilizar o título de “apóstolo”, o que não foi bem visto por parte da liderança da Igreja. Assim, parte dos membros desligou-se da igreja e criou a Assembleia de Deus do Rio de Janeiro ([www.igrejaadrj.com](http://www.igrejaadrj.com)). Tulio faleceu em 2007 e a igreja atualmente é dirigida por seu filho, Ap. Jessé Maurício Ferreira.

cisão que originou a Assembleia de Deus Tradicional.<sup>57</sup> Além dos Ministérios que romperam com a CGADB, há também aqueles que já nasceram independentes, como é o caso da AD Bom Retiro/SP, fundada pelo Pr. Jabes de Alencar em 1988.<sup>58</sup>

Uma das cisões que ganhou destaque nos últimos anos foi a do Ministério da Penha/RJ. Desde 1963 a igreja era liderada pelo Pr. José Santos, sogro do Pr. Silas Malafaia, conhecido nacionalmente por seus programas televisivos exibidos em rede nacional desde a década de 1970. Em 2009 Malafaia candidatou-se ao cargo de 1º vice-presidente da CGADB pela chapa encabeçada pelo Pr. Samuel Câmara, que concorria contra a chapa do presidente, Pr. José Wellington. Como cada cargo da mesa-diretora é escolhido por votação individual (cada eleitor deve escolher cada membro da mesa separadamente), Silas Malafaia foi eleito para ser o vice do presidente reeleito, José Wellington, mesmo sendo da oposição.

Em fevereiro de 2010 o pastor José Santos faleceu e Malafaia assumiu a presidência da AD da Penha. Três meses depois, Malafaia comunicou em seu programa de televisão sua renúncia ao cargo de vice-presidente da CGADB, bem como seu pedido de desligamento da entidade. No programa Silas alegou estar seguindo uma nova visão de trabalho que Deus havia lhe dado, em que não era interessante permanecer ligado à entidade. Também fez diversas críticas à direção da entidade. Na ocasião, Silas mudou o nome da sua Igreja de Assembleia de Deus da Penha para Assembleia de Deus Vitória em Cristo, incorporando assim ao nome da Igreja o nome de seu principal programa de TV.

Além dos ministérios “clássicos” da AD, como Belém e Madureira, e outros que também contam com uma estrutura nacional, desenvolveram-se ao longo das últimas décadas um incontável número de pequenos outros ministérios, muitas vezes sediados em pequenos salões alugados nas periferias das grandes cidades. Outras vezes com uma pequena rede de congregações espalhadas por bairros ou cidades próximas de suas sedes. Muitas vezes tais ministérios surgem a partir do confronto de um membro ou obreiro de uma AD com a sua liderança. Insatisfeito, o obreiro descontente acaba alugando um salão e fundando uma nova igreja. No caso, usar o nome Assembleia de Deus na nova denominação que está surgindo é fundamental para garantir o seu desenvolvimento e atrair novos membros, já que garante ao novo grupo o

---

<sup>57</sup> No caso de Manaus, tanto os obreiros da IEADAM (AD Manaus) como os obreiros da AD Tradicional fazem parte da CGADB, já que os últimos foram readmitidos à CGADB em 2011.

<sup>58</sup> CORREA, 2006.

estabelecimento de um vínculo com a tradição e o capital simbólico de uma denominação centenária no concorrido campo religioso. Para usar a metáfora criada por Marina Correa em seu estudo sobre a lógica dos ministérios assembleianos, utilizar o nome “Assembleia de Deus” em uma nova igreja é como filiar-se a uma rede de franquia religiosa, em que o uso de uma marca bem colocada no mercado pode garantir o “sucesso” do empreendimento.<sup>59</sup> Vale a pena lembrar aqui que o nome “Assembleia de Deus” é patentado pela CGADB<sup>60</sup>, não podendo ser criada no país nenhuma outra igreja que use exatamente este nome sem a autorização da entidade. No entanto, não há nenhum impedimento legal para se criar uma igreja que se chame “Assembleia de Deus X” ou “Assembleia de Deus Ministério Y”.

Nos resultados de pesquisa que realizamos entre os anos de 2009 e 2011<sup>61</sup> no bairro paulistano de Perus (mesmo bairro onde está a sede do já citado Ministério de Perus) o elemento da ministerialização da AD aparece com destaque. Nesta pesquisa, em que fizemos um mapeamento das igrejas pentecostais presentes no bairro, que na época contava com aproximadamente 90 mil habitantes, encontramos 60 templos e salões da AD ligadas a 27 diferentes mistérios.<sup>62</sup> Nesta mesma pesquisa encontramos no início da observação de campo uma igreja chamada “Monte Sinai”. Após aproximadamente dois anos, verificamos que esta mesma igreja mudou seu nome para “Assembleia de Deus Monte Sinai”, o que concluímos ser uma estratégia para a consolidação do grupo no concorrido campo religioso local.

Assim, observando tais exemplos da variedade ministerial da AD selecionados a partir de uma lista muito maior, é possível perceber que a partir da perspectiva institucional a AD é hoje, para usar a metáfora de Baptista,

---

<sup>59</sup> CORREA, 2012.

<sup>60</sup> O nome “Assembleia de Deus” foi patentado em 1958 pela AD de Porto Alegre, dirigida pelo missionário sueco Gustav Nordlund, o que na época criou um mal estar entre a CGADB e a igreja gaúcha. No entanto, em 2004 a AD de Porto Alegre transferiu a patente do nome à CGADB. ARAÚJO, 2007.

<sup>61</sup> FAJARDO, Maxwell Pinheiro. Pentecostais, migração e redes religiosas na periferia de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2011.

<sup>62</sup> Na pesquisa citada classificamos os Ministérios em dois grupos: o primeiro deles consiste naqueles que derivam seu nome do local de sua fundação, como as Assembléias de Deus dos Ministérios de Perus, Belém, Madureira, São Paulo, São José do Rio Preto, Brasilândia (que anteriormente chamava-se “Comunidade Assembleia de Deus”), Missão em Perus, Jardim da Conquista, Recanto do Paraíso, Centro-Oeste, Barra Funda, Vila Guilherme e Belém do Pará. Há ainda o Ministério Salmista, que apesar da referência bíblica, deriva seu nome da rua em que está situada a igreja. O segundo grupo de ministérios autônomos deriva seu nome de expressões bíblicas, como os ministérios Caminho Santo, Pleno, Missões Primitivas, Maná de Deus, O Senhor é Nossa Força, Nova Esperança, Concentração Divina, Nova Aliança, Monte Sinai e Mundial Deus Forte. Há ainda a AD Unida e a AD do Amor de Jesus. FAJARDO, 2011.

um grande “guarda-chuva” de comunidades pentecostais distribuídas nos chamados “ministérios” e convenções e que desenvolvem uma variedade enorme de pentecostalismos, desde os que primam por uma formação teológica razoável, até aos que se opõem à educação formal, desde os modelos mais autoritários, até as poucas experiências de governo congregacional efetivo. Há pentecostais conservadores, no sentido de acharem que estão zelando pela preservação de suas marcas de origem, mas há aqueles que se julgam pós-modernos, em que pese a confusão que este conceito encerra.<sup>63</sup>

Os impactos no campo religioso brasileiro dessa diversificação institucional da AD podem ser percebidos a partir da análise dos números dos últimos censos demográficos. De 2000 para 2010, a AD foi o grupo pentecostal que mais cresceu: de 8,4 milhões de membros saltou para 12,3 milhões. Para se ter uma ideia, a Congregação Cristã do Brasil e a Igreja Universal do Reino de Deus perderam, cada uma, cerca de 200 mil membros, a Congregação passou de 2,4 para 2,2 milhões de membros, enquanto a Universal passou de 2,1 milhões para 1,8 milhões<sup>64</sup>.

O único grupo que teve crescimento semelhante ao da AD foi o de “outras igrejas evangélicas de origem pentecostal”, que passou de 1,8 para 5,2 milhões. Este grupo abriga as instituições pentecostais recentes em expansão, como a Igreja Mundial do Poder de Deus, que ainda não são opções de resposta direta nos questionários do Censo, bem como as pequenas denominações pentecostais.

Assim, o Censo indica o crescimento de um pentecostalismo heterogêneo, cujas duas maiores expressões são o grupo “outras igrejas evangélicas de origem pentecostal” e a Assembleia de Deus, já que não é possível identificar a quais Ministérios os quase quatro milhões de novos assembleianos aderiram. O mais plausível é concluir que eles estão diluídos entre os diversos ramos dos diversos assembleianismos brasileiros, o que aponta para a ideia que procuramos desenvolver no decorrer do texto: a AD é uma igreja que cresce enquanto se fragmenta.

---

<sup>63</sup> BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: a presença da Assembléia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999-2006). Tese de doutorado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007. p. 32

<sup>64</sup> A Igreja do Evangelho Quadrangular saltou de 1,3 milhão para 1,8 milhão, a Igreja Pentecostal Deus é Amor ganhou 70 mil membros, passando dos seus 774 mil para os 845 mil adeptos. A Igreja O Brasil para Cristo passou de 175 mil para 192 mil, a Maranata de 277 mil para 356 mil, a Casa da Bênção de 128 mil para 125 mil e a Vida Nova (de onde se originou a Universal) de 92 mil para 90 mil. CENSO 2000; CENSO, 2010.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire. Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia (1911-2011). Tese (Doutorado em Ciências da Religião). São Paulo: PUC, 2012.

ALENCAR, Gedeon. Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALENCAR, Gedeon Freire. Construção, desconstrução e reconstrução de heróis missionários: um estudo de caso sobre Daniel Berg e Gunnar Vingren, missionários fundadores da Assembléia de Deus no Brasil. Anais do XI Congresso da ALER - Mundos religiosos: identidades e convergências. Umesp: São Bernardo do Campo, 2006. CD-ROM

ALMEIDA, Abrãao de (Org.). Paulo Macalão: a chamada que Deus confirmou. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

ARAÚJO, Isael. Dicionário do movimento pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ARAÚJO, Isael. José Wellington: biografia. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: a presença da Assembléia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999-2006). Tese de doutorado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

BARRERA RIVERA, Dario Paulo. Evangélicos e periferia urbana em São Paulo e Rio de Janeiro: estudos de sociologia e antropologia urbanas. Curitiba: CRV, 2012.

CABRAL, David. Assembléias de Deus: a outra face da história. Rio de Janeiro: Betel, 2002.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Alteração das características tradicionais da igreja Assembleia de Deus: um estudo a partir da Igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo, Dissertação de mestrado PUC SP, 2006.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil, Tese de Doutorado em Ciências da Religião, PUC-SP, 2012.

DANIEL, Silas. História da convenção geral das Assembléias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. Pentecostais, migração e redes religiosas na periferia de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2011.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

JACOB, Cesar Romero et al. Religião e sociedade em capitais brasileiras. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola; Brasília: CNBB, 2006.

MACALÃO, Zélia Brito. Traços da vida de Paulo Leivas Macalão. Rio de Janeiro, CPAD, 1986.

MAFRA, Clara. Casa dos homens, casa de Deus In: Revista Análise Social, vol. XLII (182): 2007.

PETHRUS, Lewi. Lewi Pethrus: biografia. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.

READ, William R. Fermento religioso nas massas do Brasil. Campinas: Livraria Cristã Unida, 1967.

TERCIO, Jason. Os escolhidos: a saga dos evangélicos na construção de Brasília. Coronário: Brasília/DF, 1997.

TORRES, Haroldo. Medindo a segregação. In: MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo (Orgs.). São Paulo: segregação pobreza e desigualdades sociais. São Paulo: SENAC, 2005.

VASCONCELOS, Alcebíades Pereira; LIMA, Hadna-Asny Vasconcelos. Alcebíades Pereira Vasconcelos: estadista e embaixador da obra pentecostal no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.